

# UMA APROXIMAÇÃO ENTRE AS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS DE PEIRCE E O CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO EM DOREEN MASSEY

Estevão Pastori GARBIN<sup>1</sup>

Thays Zigante FURLAN<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como propósito construir algumas aproximações entre as categorias fenomenológicas de Charles Sanders Peirce e o conceito de espaço geográfico defendido por Doreen Massey. Para tanto, foi realizada uma síntese das principais características das categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade a fim de ressaltar suas recorrências e sua viabilidade na análise do espaço geográfico. Em um segundo momento, foram resgatados os princípios que orientam a concepção de Massey sobre o objeto central da Geografia, aproximando-o dos traços mais predominantes das categorias fenomenológicas. Como resultado, verificou-se uma defesa da autora aos aspectos da primeiridade peirceana, contrapondo ao predomínio de inevitabilidade e terceiridade propagado por grandes atores globais sobre o espaço geográfico.

**Palavras chave:** Espaço geográfico. Doreen Massey. Charles Sanders Peirce.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista pela Capes.

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista pela Capes.

## **AN APPROXIMATION BETWEEN PEIRCE'S PHENOMENOLOGICAL CATEGORIES AND THE GEOGRAPHIC SPACE CONCEPT IN DOREEN MASSEY**

### **ABSTRACT**

This article has the objective to construct some approximations between the phenomenological categories of Charles Sanders Peirce and the concept of geographic space defended by Doreen Massey. For this, a synthesis of the main characteristics of the firstness, secondness and thirdness categories was performed in order to highlight their recurrences and their viability in the geographic space analysis. In a second moment, the principles that guide Massey's conception of the central object of Geography have been rescued, bringing it closer to the more predominant features of the phenomenological categories. As a result, there was a defense of the author to the aspects of Peircean firstness, as opposed to the predominance of inevitability and thirdness propagated by great global actors on the geographic space.

**Keywords:** Geographic space. Doreen Massey. Charles Sanders Peirce.

## 1 INTRODUÇÃO

As discussões presentes neste trabalho são resultado de um esforço e de uma aposta: o esforço se refere à necessidade de se pensar geograficamente o espaço, um desafio não apenas profissional, mas pessoal. A aposta se refere ao descobrimento dos autores (cf. GARBIN, 2016; FURLAN, 2018) da potencialidade da Semiótica como um caminho para o amadurecimento da visão geográfica. Geografia e Semiótica: duas ciências independentes, porém conectadas em um objetivo comum: o amadurecimento de um pensamento crítico e, no âmbito deste trabalho, um pensamento crítico sobre o espaço geográfico.

Ao usarmos o termo “Semiótica” nos referimos à moderna ciência dos signos, em especial àquela desenvolvida pelo filósofo, matemático e lógico norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914). Nesta perspectiva, compreende-se signo como tudo aquilo que, em certa medida, está no lugar de algo para alguém (PEIRCE, 2012): isso significa que ser signo não é ter um determinado material, forma ou conteúdo, mas sim exercer uma função mediadora entre dois entes, desencadeando em uma mente um efeito também de natureza sógnica, em um processo denominado semiose.

Na estrutura das ciências de Peirce, a Semiótica é o ramo da Filosofia que tem como objetivo investigar quais são os tipos de signos existentes, como se misturam e qual a potencialidade comunicativa de cada um deles no processo de investigação científica. O rigor da Semiótica é derivado da Matemática, mas com uma diferença substancial: enquanto esta é uma ciência de objetos hipotéticos (ou seja, seu objeto não é captado pelos órgãos sensoriais, mas apenas suas representações), a Semiótica aplica o rigor do raciocínio matemático na investigação da experiência cotidiana, classificando tudo aquilo que se apresenta à mente humana por meio de um ramo da Filosofia denominado Fenomenologia.

Segundo Peirce (1980, p. 17), a tarefa da Fenomenologia é “traçar um catálogo de categorias, provar sua eficiência, afastar uma possível redundância, compor as características de cada uma e mostrar as relações entre elas”. Estas categorias expressam as características predominantes dos fenômenos, os seus modos de existência, o que influencia os tipos de efeitos potencialmente causados pelos signos.

O ponto de intersecção inicial entre a Semiótica e a Geografia é aparente quando consideramos que o raciocínio geográfico ocorre a partir da leitura de signos: no caso, os signos

de excelência deste profissional são os relativos ao espaço geográfico. Sendo o papel do raciocínio “descobrir, a partir da consideração daquilo que já sabemos, alguma outra coisa que desconhecemos” (PEIRCE, 2008, p. 39), um estudo semiótico do espaço geográfico deve subsidiar a descoberta ou o tratamento de informações sobre algum aspecto deste objeto.

Os desafios que permeiam o projeto de construção de uma visão geográfica associada à leitura semiótica do espaço se revelam a partir das tentativas iniciais em aproximar uma ciência tão abstrata e geral, como a Semiótica de extração peirceana, com outra ciência de interesses e fundamentos teóricos tão diversificados, como a Geografia. Como o espaço geográfico é a categoria mais ampla e que detém as demais categorias espaciais desta ciência (CORRÊA DA SILVA, 1986, p. 29), a leitura semiótica das categorias geográficas deve ser sempre (re)construída – e não simplesmente aplicada – de acordo com os significados e propósitos atinentes à uma corrente do pensamento geográfico.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões destas aproximações desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá. Pretendemos visualizar como as categorias fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade se relacionam nas concepções de espaço geográfico da Geografia Crítica, representada neste trabalho pela geógrafa britânica Doreen Massey (2009).

Para tanto, realizou-se uma apresentação dos princípios e das principais características fenomenológicas das categorias peirceanas, seguida por uma explicação dos pontos gerais do pensamento geográfico de Massey (2009) e, por fim, uma leitura destas reflexões geográficas da autora a partir das categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade.

## **2 TRÊS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS PARA ‘VER’ O MUNDO**

As categorias são elementos primordiais e altamente generalizantes dos fenômenos, isto é, são arquétipos do pensamento. Toda ciência apresenta um conjunto de categorias que imprimem a especificidade do seu conhecimento gerado – como é o caso da Geografia e suas categorias espaciais, como o espaço geográfico, a paisagem, o território, o lugar, dentre outras. A Semiótica peirceana está desenvolvida sobre categorias fundamentais capazes de ‘ver’ as principais características dos fenômenos, que são objetos de estudo de uma ‘quase-ciência’

denominada Fenomenologia: ‘quase-ciência’ pois, como afirma Santaella (2002, p. 146), as categorias fenomenológicas são matizes de concepções, isto é, modos de pensar, sendo as ferramentas realmente analíticas são do domínio da Semiótica e não da Fenomenologia. Mas, o que deve ser feito pelo pesquisador para a utilização destas categorias fenomenológicas?

Nas palavras do próprio Peirce:

Fique entendido que o que temos a fazer enquanto estudante de fenomenologia é simplesmente abrir os olhos do espírito e olhar bem os fenômenos e dizer quais são suas características, quer o fenômeno seja externo, quer pertença a um sonho, ou uma ideia geral e abstrata da ciência (PEIRCE, 1980, p. 17, grifo nosso).

Para atender o propósito de permitir ‘ver’ os fenômenos respeitando suas características, a Fenomenologia se vale do desenvolvimento de categorias universais. Ao contrário das categorias particulares, que formam uma série ou um conjunto de séries presentes em apenas um fenômeno de cada vez, as categorias universais devem ser entendidas como pertencentes a qualquer fenômeno, embora seja mais predominante que outra num aspecto analisado. Este é um aspecto importante a ser ressaltado porque, como menciona Peirce, qualquer tipo de fenômeno deve ser contemplado pela Fenomenologia, seja ele um sonho ou impressão de alguma coisa, seja ele um teorema ou um barulho emitido de algum animal, por exemplo. Complementa Santaella que:

Trata-se, portanto, de um estudo que, suportado pela observação direta dos fenômenos, discrimina diferenças nesses fenômenos e generaliza essas observações a ponto de ser capaz de sinalizar algumas classes de caracteres muito vastas, as mais universais presentes em todas as coisas que a nós se apresentam (SANTAELLA, 2012, p. 50).

A primeira versão das categorias fenomenológicas de Peirce foi apresentada em um artigo denominado *On a new list of Categories*<sup>3</sup> (PEIRCE, 1868), cujo resultado foi a proposta de três categorias irreduzíveis, designadas inicialmente de *qualidade*, *relação* e *representação* (PEIRCE, 1868), mais tarde denominadas *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*, respectivamente. Embora as características delineadas por Peirce sobre suas categorias

---

<sup>3</sup> Sobre uma nova lista de Categorias (tradução livre).

apresentem alterações ao longo de sua produção intelectual, alguns atributos das categorias fenomenológicas mantiveram-se constantes.

No caso da primeiridade, há a predominância de todos os fenômenos que apresentam liberdade, potencialidade, frescor, vida, sem uma relação com outra coisa que a determina (PEIRCE, 1980). No seu aspecto mais puro, a primeiridade não se relaciona com qualquer outra coisa, não permite a diferenciação entre dois elementos, apenas sugere uma qualidade de sentimento. Qual seria a utilidade de uma categorização baseada nestes atributos?

Sua utilidade reside na necessidade em contemplar tudo o que aparece à mente e respeitar as manifestações dos fenômenos, sejam elas quais forem. A partir destas características típicas da primeiridade e percebidas por diversas vias indutivas, Peirce analisou, por mais de trinta anos, a recorrência do princípio da primeiridade não apenas no pensamento humano, mas em toda a natureza.

A degeneração da primeiridade ao se relacionar com algo existente, ou seja, que se força contra nós, confunde-se com os aspectos da categoria da secundidade. Como lembra Peirce (2012, p. 28), no aspecto obsistencial (isto é, que apresente resistência, existência, relação e conflito), a primeiridade apresenta-se como qualidade de *algo*, sendo este algo externo à nossa consciência. Por exemplo: ao percorrermos uma avenida movimentada, os aspectos da primeiridade podem ser apreendidos a partir dos odores dos combustíveis utilizados pelos automóveis, da sonoridade das buzinas e dos tons das luzes emanadas dos faróis. Deve-se pontuar que a primeiridade é *vislumbrada* a partir de toda esta multiplicidade de qualidades que só poderiam ser acessadas em um estado anterior ao reconhecimento “do carro, da avenida e da cidade”, ou seja, do choque dos estímulos contra nós. Em outras palavras: todo elemento que é percebido pelos seres humanos são fenômenos da categoria da secundidade, ou seja, são existentes, porque colidem contra nossa percepção, forçando-nos a aceitar sua existência. A dificuldade de acesso às características da primeiridade é um desafio do estudante de fenomenologia: é necessário enxergar as qualidades sugeridas dos fenômenos, bem como sua dinâmica criativa e espontânea, a partir de uma categoria dependente da primeiridade e condição para acessá-la, que é a secundidade.

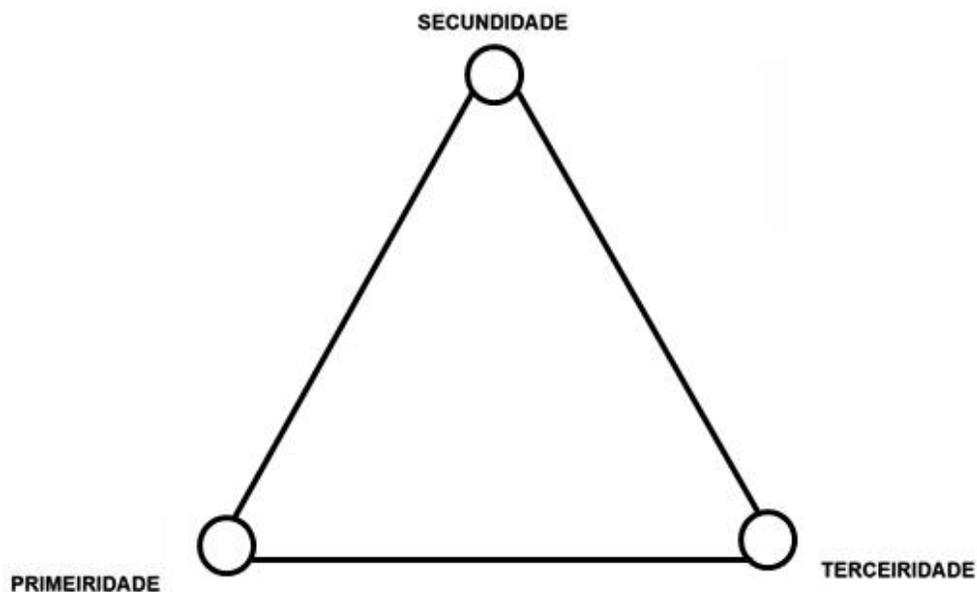
A terceira categoria fenomenológica denominada *terceiridade* engloba os fenômenos com propósito, generalidade, lei, continuidade e representação. Como recorda Peirce (2012, p. 94), o pensamento é impossível quando reduzido às qualidades do puro presente (primeiridade)

ou uma reação do passado (secundidade), porque é *movimento*: esta inteligibilidade é uma marca da terceiridade.

Entendemos, então, que estas três categorias expressam os modos de existência dos fenômenos ao se revelarem a uma mente, devendo ser trabalhadas de forma integrada; observando sempre qual a predominância que um fenômeno possui à luz das três categorias fenomenológicas (WALTHER, 2010).

Segundo Santaella (2012), a valorização dos aspectos de qualidade (primeiridade), objeto (secundidade) e mente (terceiridade) possibilitam a visualização de um itinerário dos fenômenos, dos seus aspectos mais incontroláveis e sugestivos (qualidades da primeiridade) até a regularidade e representação de algo por outro fenômeno (signo genuíno na terceiridade).

A Figura 1 apresenta as categorias fenomenológicas propostas por Peirce (2012), indicando limites ideais de correspondência.



**Figura 1: Categorias fenomenológicas de Peirce.**

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

As aplicações das categorias fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade já foram realizadas em diversos ramos das ciências, como na teoria da evolução (cf. SANTAELLA, 2012), na neurobiologia (cf. QUEIROZ, 2004), na Cartografia (NÖTH, 1998) e, mais recentemente, na Geologia e na Geografia (GARBIN, 2016; FURLAN, 2018).

Embora as explicações acima possam ser consideradas malabarismos semânticos e conceituais, a distinção que estas categorias permitem estabelecer entre os fenômenos são meios com elevada potencialidade no auxílio para pensar o espaço geográfico e as particularidades de cada categoria de análise geográfica. No tópico seguinte, apresentamos como estas categorias fenomenológicas são recorrentes no espaço.

### **3 OS DIFERENTES ‘MODOS DE SER’ DO ESPAÇO GEOGRÁFICO**

A Geografia é uma ciência que se institucionalizou relativamente tarde, ao longo da segunda metade do século XIX. Este contexto foi marcado por duas características importantes: sua íntima ligação aos interesses do Estado (CLAVAL, 2011), bem como da busca de um novo campo de atuação, posto que a engenharia cartográfica havia retirado da Geografia quase metade dos ofícios típicos dos geógrafos ao longo do século XVIII e XIX (CLAVAL, 2009). Isso significou para a ciência geográfica conviver com a necessidade de ressignificar-se, cujas perspectivas de trabalho se imbricaram em duas principais direções: um determinado grupo de geógrafos preocupou-se em reconstituir geografias do passado, enquanto um segundo grupo, mais dinâmico, opta por descrever o mundo em uma perspectiva evolucionista das ciências naturais (MORAES, 2005).

Na década de 1950 houve o surgimento de um novo paradigma da Geografia, que abandonou a perspectiva evolucionista e adotou um modelo funcionalista de pensar o espaço (CLAVAL, 2009; GRIGG, 1974; SANTOS, 2012). Se antes o espaço geográfico era pensado como um mosaico de meios onde a natureza influenciava e definia um caráter regional, nesta Geografia denominada Teórica eram priorizados os fatores espaciais, em especial a distância e o desenvolvimento das técnicas quantitativas, como formas de diminuir a influência da natureza na sociedade.

A partir da década de 1970 surge um movimento questionador sobre os aspectos positivistas e neopositivistas, empiristas e de causalidade linear dominantes na Geografia (CLAVAL, 2009). Há uma profusão de outras perspectivas de pesquisa, como as relações afetivas e simbólicas que os homens estabelecem com o espaço (FRÉMONT, 1980; TUAN,

2012), bem como o fortalecimento de uma perspectiva materialista dialética no estudo do espaço geográfico (HARVEY, 1973; SANTOS, 2012).

Este breve panorama mostra um cenário historicamente complexo e rico, bem como um desafio metodológico da ciência geográfica pois, ao contrário do que preconizou Thomas Kuhn (2007), a Geografia não possui períodos de revoluções que resultam em um completo abandono de paradigmas e substituição por outros subsequentes. Como lembra Claval (2009), não é porque os geógrafos passaram a se importar com os sentimentos e emoções das pessoas que a urbanização desordenada teve sua importância diminuída como objeto de estudo. Isso significa que a Geografia apresenta uma particularidade epistemológica: uma multiplicidade de métodos e técnicas que convivem entre si em diferentes tempos, exigindo do pesquisador coerência em sua articulação teórica.

Um dos desafios do amadurecimento profissional do geógrafo é evoluir da memorização dos conceitos e das categorias, para sua operacionalização. Em uma ciência cujo objeto de excelência é tão complexo e diversificado como é o caso do espaço geográfico, compreender em que medida os conceitos que dão inteligibilidade ao objeto influenciam no raciocínio é um processo contínuo e vagaroso – daí a pertinência da Fenomenologia para subsidiar este amadurecimento.

A dificuldade inicial desta empresa são as implicações que a adoção de um entendimento sobre o espaço pode gerar na análise geográfica. De acordo com Massey:

[...] o espaço é uma dimensão implícita que modula nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar (MASSEY, 2009, p. 15).

A importância do reconhecimento da dimensão implícita envolvida na concepção de espaço geográfico perpassa e condiciona a coerência e a compatibilidade do método empregado pelo geógrafo. Sobre a multiplicidade de noções atribuídas ao conceito de espaço, Harvey (1973, p. 13) propõe uma classificação tripartite baseada nas formas que as diferentes práticas humanas o suscitam, classificando-o como *espaço absoluto, relativo e relacional*.

De acordo com Harvey (1973, p. 13), a noção de espaço absoluto é predominante quando se considera o espaço uma “coisa em si mesma”, isto é, quando apresenta uma existência

independente da matéria, sendo produto da abstração humana. Para o autor, o espaço absoluto é fixo, permite a realização de medições e é aberto ao cálculo, sendo geometricamente um espaço euclidiano (HARVEY, 2012, p. 10).

O espaço relativo, por outro lado, é caracterizado pelas relações estabelecidas entre os objetos do espaço oriundas de sua própria existência (HARVEY, 1973). Isso significa que há “múltiplas geometrias que podemos escolher e de que o quadro espacial depende estritamente daquilo que está sendo relativizado e por quem” (HARVEY, 2012, p. 11). Uma cartografia orientada em termos de custos, tempo ou centralidade é assentada em uma noção de espaço relativo, o que “não necessariamente reduz ou elimina a capacidade de cálculo ou controle, mas ela indica que regras e leis especiais são necessárias para fenômenos particulares e processos em consideração” (HARVEY, 2012, p. 11).

Por fim, a noção de espaço relacional é predominante quando se considera que os objetos contêm e são contidos pelo espaço, na medida em que representam a si mesmos (HARVEY, 1973). Assim sendo, não há espaço ou tempo fora dos processos que os definem: o conceito de espaço “é embutido ou interno ao processo” (HARVEY, 2012, p. 12).

Neste sentido, estas ‘três naturezas’ ou ‘modos de ser’ do espaço geográfico não são tomadas à priori pelo geógrafo, mas se revelam a partir das características de sua postura teórica ou prática sobre um determinado objeto.

#### **4 FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NA VISÃO DE DOREEN MASSEY**

Como mencionado anteriormente, a Fenomenologia tem como objeto de estudo qualquer coisa que se apresenta à mente – o que inclui o espaço geográfico e suas diversas naturezas espaciais. Interessa-nos neste trabalho olhar fenomenologicamente a ontologia do espaço geográfico na visão de Massey, isto é, suas características enquanto objeto real, e quais as implicações que a adoção desta perspectiva ocasiona no entendimento do espaço geográfico.

Doreen Massey (1944-2016) foi uma geógrafa britânica, professora titular da *Open University*, Inglaterra, e ganhadora do Prêmio *Vautrin Lud* em 1998. Suas contribuições para a Geografia perpassam temas como o feminismo, a globalização, a região, dentre outros. Neste artigo, optamos por utilizar sua obra “Pelo Espaço”, publicado em 2009 a partir da tradução de

sua versão original de 2005. Esta obra é particularmente interessante porque sintetiza algumas proposições sobre a natureza do espaço, como evidenciamos a seguir.

Massey inicia sua obra com três considerações propositalmente distintas, mas provocadoras e interconectadas. A primeira é o relato do encontro dos navegadores espanhóis e a sociedade asteca, no século XVI, que resultou no domínio deste povo por aqueles: um encontro marcado por coincidências de eventos (como a direção geográfica do Leste, que era ‘aquela do poder’, bem como o início do ano I Junco, que demarcava um novo período histórico e cosmológico para os astecas). Nas palavras da autora:

O modo em que, hoje em dia, frequentemente, contamos essa história, ou qualquer um dos relatos de “viagens de descoberta”, é em termos de cruzamento e conquista do espaço. Cortés viajou através do espaço, encontrou Tenochtitlán e tomou-a. Espaço, nesse modo de falar, é uma grande extensão através da qual viajamos (MASSEY, 2009, p. 22).

A segunda consideração recai sobre a inevitabilidade da globalização propagada pelos países centrais, como os Estados Unidos e o Reino Unido. Segundo a autora, o discurso dominante é de que “já não podemos resistir às atuais forças da globalização, como não podemos resistir à lei da gravidade” (MASSEY, 2009, p. 23). Logo, autoriza a incluir todos os países, com suas mais diversas particularidades históricas, culturais, econômicas e sociais em uma mesma ‘fila’, em uma perspectiva comum entre países ‘avançados’ ou ‘atrasados’ em relação a um modelo de globalização capitalista e neoliberal.

Por fim, a terceira consideração é sobre o entendimento comumente empregado ao conceito de ‘lugar’, enquanto parcela do espaço que resiste às teias do global, como um refúgio coerente e integrado, nativo e original. Massey (2009, p. 25) aponta a frequente justaposição antagônica entre este ‘lugar’ e o ‘espaço’.

Estas três proposições são sustentadas (e criticadas) por Massey por compartilharem a adoção de uma natureza espacial absoluta, que reduz o espaço à uma superfície sobre a qual nos localizamos, transforma o espaço em tempo e ignora as diferentes trajetórias que compõem o espaço geográfico.

De acordo com a autora, o espaço deve ser entendido a partir de três proposições. Primeiro, devemos entender o espaço como “produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno” (MASSEY, 2009,

p. 29). A segunda proposição de refere a “imaginar o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade combina com o que, com maior ênfase, em anos recentes, em discursos políticos de esquerda, tem sido colocado como ‘diferença’ e ‘heterogeneidade’ (MASSEY, 2009, p. 31). Em terceiro lugar, reconhecer o espaço como “estando sempre em construção” (MASSEY, 2009, p. 29).

A primeira proposição evidencia uma posição antiessencialista da autora, isto é, o espaço existe a partir dos mais diversos tipos de relações entre seus entes. Isso significa que o espaço não pode existir independente destas relações: não deve ser tomado como *absoluto*, mas *relacional*. Somada a esta, a segunda proposição considera que estas relações devem ser, conseqüentemente, realizadas pelos mais diversos agentes, cada qual com suas estórias e peculiaridades: significa abandonar uma perspectiva única do espaço, negar a imposição de um modelo específico de trajetória que sirva como modelo para as demais.

Nas palavras de Massey (2009):

O espaço é, sem dúvida, produto de relações (primeira proposição), e para que assim o seja tem de haver multiplicidade (segunda proposição). No entanto, não são relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, tudo (já) está relacionado com tudo. O espaço jamais poderá ser essa simultaneidade complexa, na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas [...]. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo (MASSEY, 2009, p. 32).

Para demonstrar a natureza dialética desta concepção tripartite do espaço, Harvey (2012, p. 19) propõe alguns paralelos entre sua proposta e a visão trinitária do espaço em Lefebvre (1991) na construção de uma matriz espaço-temporal. Para Lefebvre, o espaço pode ser dividido em *espaço material* – constituído pelo espaço da percepção, do contato físico e da experiência; *espaço conceitualizado*, caracterizado por ser concebido e representado, como produto de uma abstração que busca a homogeneidade ou uma forma de se reportar adequadamente ao nosso mundo vivido e material; e os *espaços vividos*, como é o caso dos espaços de vivência, de significados, dos sentimentos e imaginações (HARVEY, 2012, p. 19).

De acordo com Harvey (2012), há uma correspondência entre as naturezas dos espaços absoluto, relativo e relacional com os espaços conceitualizado, material e vivido, respectivamente. Esta correspondência ocorre à nível de características ressaltadas dos fenômenos, estando elas semanticamente muito próximas das categorias fenomenológicas da

primeiridade, secundidade e terceiridade desenvolvidas por Peirce (1998), como ilustra a Figura 2.

	PRIMEIRIDADE	SECUNDIDADE	TERCEIRIDADE
	a <b>Espaço Vivido</b>	b <b>Espaço material</b>	c <b>Espaço conceitualizado</b>
1 <b>Espaço Relacional</b>	Visões, fantasmas, desejos, sonhos, fantasias, estados psíquicos	Fluxos e campos energéticos, relações sociais, sensações trazidas pelo vento	Surrealismo, psicogeografias, teoria do caos, comando e controle difíceis
2 <b>Espaço Relativo</b>	Ansiedade por não chegar no horário, tensões pela compressão espaço-tempo	Circulação e fluxo de energia, água, mercadorias	Cartas temáticas e topológicas, geometrias e topologias não euclidianas
3 <b>Espaço Absoluto</b>	Sentimento de satisfação no entorno familiar, sentimento de segurança	Muros, pontes, portas, teto, ruas, fronteiras e barreiras físicas	Mapas cadastrais e administrativos, descrição da paisagem, localização

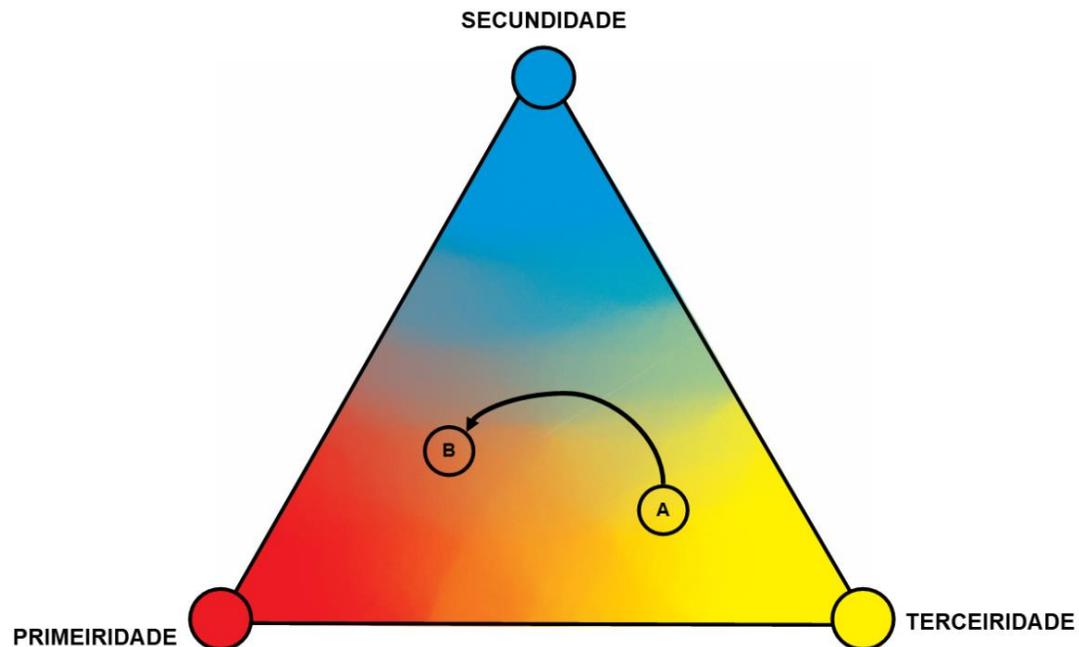
Figura 2: Matriz espacial e correspondência com as categorias fenomenológicas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Utilizar a natureza espacial absoluta é estabelecer condições, leis e hábitos que devem ser cumpridos. Discursos sobre a inevitabilidade do modelo de globalização neoliberal e excludente, a inevitabilidade do encontro e predomínio dos conquistadores espanhóis sobre os astecas e o estabelecimento dos hábitos promovidos pelos agentes econômicos globais atuais é

compartilhar os caracteres típicos da categoria fenomenológica da terceiridade. Este é um aspecto importante e que viabiliza uma cosmologia estruturante de um espaço que é posto como natural, isto é, não é produto de relações historicamente construídas e potencialmente alteráveis.

É por isso que a segunda proposição de Massey (2009) se baseia na possibilidade, na multiplicidade espontânea que é típica da diversidade social e cultural, na observância das distintas trajetórias que coexistem. Em outros termos: é uma abertura para a valorização dos aspectos mais próximos da categoria fenomenológica da primeiridade, como forma de resistência à perspectiva fatalista das leis e condições propaladas pelos atores que são globais, mas que se relacionam e interagem com atores de escalas menores, como a local, por exemplo, como ilustra a Figura 3.



**Figura 3: Mudança de polaridade do conceito de espaço geográfico em Doreen Massey da terceiridade (A) para a primeiridade (B).**

Fonte: Elaborado pelos autores.

É neste sentido que a primeira proposição defende que as relações que constituem o espaço geográfico são de escalas muito variadas, que se relacionam umas com as outras e se transformam mutuamente. Com esta visão, evita-se uma associação mecânica e fatalista de causalidade linear entre agentes globais que atuam e a consolidação direta dos seus efeitos, pois o espaço não é algo fechado, constituído e acabado. Por fim, é com esta terceira proposição – de

abertura para o futuro, para o devir de novas possibilidades – que o conceito de espaço em Doreen Massey é estruturado.

## 5 À GUIA DE CONCLUSÕES

As aproximações propostas neste ensaio entre a Geografia e a Fenomenologia de C. S. Peirce tiveram o intuito de aliar as possibilidades observacionais das categorias fenomenológicas aos aspectos fenomênicos que estruturam o conceito de espaço geográfico em Doreen Massey. Mais do que gerar novas informações deste conceito, esta perspectiva fenomenológica pode auxiliar quais as especificidades do pensamento da autora e, conseqüentemente, elucidar sua visão sobre o que ela compreende como genuinamente típico do espaço geográfico.

No caso de Doreen Massey, foi possível constatar uma alternativa ao predomínio dos discursos fatalistas e generalizantes (típicos da terceiridade, ilustrado pelo ponto A na Figura 3) para uma abertura à pluralidade e espontaneidade do espaço geográfico (ilustrado pelo ponto B na Figura 3). Esses discursos são expressos pelas estratégias globais de caráter político e econômico, cooptando o sentido da multiplicidade e das inúmeras possibilidades que estrutura o conceito de espaço geográfico de Massey (2009). Esta mudança de predominância em sua perspectiva crítica é fundamental na medida que as concepções de espaço imbuídas nas práticas sociais modulam “nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política” (MASSEY, 2009, p. 15) e a tomada de consciência destas transformações pode contribuir para o aprimoramento da análise geográfica.

Finalizamos as discussões deste artigo ressaltando que a ciência geográfica possui um objeto de estudo muito complexo e diversificado, como é o caso do espaço geográfico e, portanto, torna-se necessário compreender em que medida o conceito de espaço influencia no raciocínio do intérprete, uma vez que esse processo não se apresenta como algo simples, mas em um processo contínuo e vagaroso. Logo, as aproximações expostas neste ensaio mostraram que a Semiótica pode auxiliar no processo de amadurecimento do entendimento das alterações do conceito de espaço geográfico.

## 6 REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Eds.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. 1 ed. revi. Curitiba: Editora da UFPR, 2009. p. 11–46.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. 1. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

CORRÊA DA SILVA, A. As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico. In: REYNAUD, A. ET AL. (Ed.). **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 25–37.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FURLAN, T. F. **Análise Semiótica das representações didáticas das Placas Tectônicas no ensino de Geografia**. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

GARBIN, Estevão Pastori. **Contribuições da Semiótica peirceana para a caracterização da semiose da carta topográfica**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

GRIGG, D. Regiões, modelos e classes. In: **Modelos integrados em Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. p. 23–66.

HARVEY, D. **Social justice and the city**. Londres e Baltimore: Edward Arnold e John Hopkins University Press, 1973.

HARVEY, D. O Espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, v. 14, n. 28, p. 8–39, 2012.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

NÖTH, W. Cartossemiótica. In: **Visualidade, Urbanidade, Interxrtualidade**. 1. ed. São Paulo: Hacker Editores, 1998. p. 119–133.

PEIRCE, C. S. On a new list of categories. In: **Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences**, n. 7, p.287-298, 1868.

PEIRCE, C. S. Escritos coligidos. In: **Os Pensadores: Peirce e Frege**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

QUEIROZ, J. **Semiose segundo C.S. Peirce**. São Paulo: Educ e FAPESP, 2004.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica à Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

WALTHER, B. E. **A Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

*Data de recebimento: 11 de julho de 2018.*

*Data de aceite: 23 de agosto de 2018.*